UMA ANÁLISE SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS E TRABALHO: AMBIVALÊNCIAS ATUAIS

*Eucídio Arruda**

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo discutir teoricamente o papel das novas tecnologias informacionais (internet), na nossa sociedade atual, e suas relações com a educação e trabalho. Utilizamos o referencial teórico, que considera o trabalho como eixo central na nossa sociedade, e promovemos um diálogo com as novas tecnologias que estão transformando o trabalho em todos os setores da sociedade. Discutimos a postura que a dinâmica da sociedade capitalista vem exigindo da escola, e como as novas tecnologias promovem uma radical desvalorização das pessoas mais velhas e a “fetichização” presente em tudo que significa de “última geração”. Por último, fazemos uma pequena análise sobre a produção de valor nos meios virtuais, através de um referencial marxiano.

Palavras-chave: educação, trabalho, novas tecnologias.

Falar de tecnologia não é algo absolutamente novo, afinal, o homem, como um ente-espécie, que objetiva a si em seu trabalho (BERINO, 1994), sempre buscou o desenvolvimento das técnicas de produção. Vivemos hoje um processo de aguda radicalização do desenvolvimento tecnológico, onde o objeto do homem, e não ele próprio, começa a dominar o seu ser – estamos falando de uma aguda fetichização, no sentido marxiano, das novas tecnologias, sobretudo o computador e a internet. Estas tecnologias se apresentam como seres dominadores, dotados de “consciência” própria, ou seja, o produto do homem ganhou vida própria e uma “superioridade” racional sobre o ser humano, uma vez que seus “objetos” são lógicos.

As tecnologias são apresentadas hoje dentro do discurso da “inevitabilidade”, como algo já posto, independente da vontade humana e aquele ser humano não “obsoleto”, deve correr atrás do conhecimento destas tecnologias. Este discurso atende perfeitamente ao contexto atual da sociedade capitalista, visto que o individualismo encontra-se em franco processo de recrudescimento. Nesse sentido, conhecer as novas tecnologias significa distinção no mercado de trabalho e distinção representa emprego (o próprio emprego é um objeto de luxo hoje em dia, pois passa por um profundo processo de retração, sobretudo nos países de economia periférica).

Esta nova realidade dinamiza todas as relações sociais, levando o ser humano a buscar a velocidade imposta a ele pelo sistema capitalista. Tanto nas relações de trabalho quanto em nosso cotidiano, precisamos estar em constante acompanhamento das novidades tecnológicas para que sejamos considerados “qualificados”, além da obrigatoriedade de possuímos a capacidade de buscar sempre a auto-aprendizagem, para não nos tornarmos “obsoletos”.

Claro que a perspectiva da qualificação não é nova no sistema capitalista. Desde o processo da Revolução Industrial Inglesa o capitalismo vem criando qualificações que até então não existiam, com diversos intentos: especialização da força de trabalho, fragmentação da unidade dos trabalhadores através da criação de níveis escolares, dentre outros. Sobre as distinções escolares, Machado é bastante elucidativo ao afirmar que:

*Membro do NETE (Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da FAE/UFMG) e membro GETEC (Grupo de Estudos sobre Gestão, Trabalho, Cidadania e Educação da FACE/UFMG).

(...) o pressuposto da existência de um único sistema educacional não consegue escamotear a vigência de diferentes tipos de escolas com funções de socialização e de qualificação distintas. Não é do mesmo tipo o desenvolvimento dos atributos de personalidade, pois as cobranças ao nível da produção serão diferentes conforme a hierarquia ocupacional (...), portanto, pela sua capacidade formativa do ponto de vista político e técnico, a escola, como instituição social, não consegue se autonomizar da produção (1989, p. 28-29).

Não é de se estranhar, portanto, a importância com que vem sendo tratada a educação na atualidade. Ela vem cumprir exatamente o seu papel de elo principal com a produção, na medida em que busca a formação de alunos que saibam “aprender a aprender”. No processo de produção atual, esta característica é de grande utilidade, pois joga ao trabalhador a responsabilidade pela sua empregabilidade. Para Machado:

A escola no capitalismo constitui um acessório indispensável à produção, por preencher necessidades técnicas e políticas e sua diferenciação interna não é uma excrescência a ser superada no futuro, mas uma necessidade inerente ao capital em concorrência com o trabalho, pois lhe permite manipular os requisitos e exigências de forma a lhe possibilitar maior lucro (1989, p. 31).

Vimos acima como é a relação direta escola/produção no sistema capitalista e suas relações com o recente discurso tecnológico. Um dos maiores perigos deste discurso é a apresentação das novas tecnologias como neutras, livres de qualquer aparato de dominação.

Um caráter perverso da pretensa neutralidade das tecnologias é a radicalização do estranhamento no trabalho humano, com a utilização das novas tecnologias. O trabalho estranhado é o trabalho alheio ao trabalhador, que “ao invés de ser uma realização efetiva do trabalho é na verdade a desefetivação do trabalhador” (ANTUNES, 1995, p. 124). O trabalho estranhado é característico na utilização de novas tecnologias, pois, em vez de partir para um desenvolvimento mais integral do sujeito, promove o seu contrário – a subordinação do homem à máquina através da incessante busca humana da atualização de conhecimentos. Sobre esta relação homem/trabalho e máquina, é interessante a análise de Marx:

(...) a simplificação da máquina, do trabalho, é utilizada para converter em operário o homem que ainda está se formando, o homem ainda não formado – a criança, assim como o operário tornou-se uma criança totalmente abandonada. A máquina acomoda-se à *fraqueza* do homem, para converter o homem fraco em máquina (1985, p. 17).

Denota-se claramente o papel das novas tecnologias na sociedade atual, além de Marx ser incisivo no papel da escola como formadora, no contexto produtivo do sistema capitalista. A relação escola/sistema capitalista pode trazer situações antes não existentes nas relações sociais entre os sujeitos.

Na medida em que a escola utiliza as tecnologias como meio de garantir maior quantidade de “qualificações” aos seus alunos, visando não à libertação da lógica mercantil das tecnologias, mas o contrário, a sua profunda inserção em tal lógica, passamos a conviver com rupturas nas relações sociais, principalmente familiares.

Estas rupturas podem ser visualizadas quando observamos hoje crianças que dominam mais e melhor as novas tecnologias que seus pais. Cada vez mais cedo, estas crianças estão sendo tragadas para a lógica mercantil do trabalho – mesmo sem perceber, vão tornando seus pais “obsoletos” e criando relações de competitividade no seio familiar, dentro de uma dicotomia novo/velho,

sendo o novo a representação do “melhor” e o velho aquilo que deve ser esquecido. Portanto, está sendo criada uma nova sociedade onde os filhos estão assumindo o papel de predadores do trabalho de seus pais, ou seja, além da já propalada degradação do trabalho humano, vivemos a desagregação familiar pelo caráter competitivo da sociedade.

Um exemplo evidente é a recente propaganda de um grande banco privado (Itaú), em que os protagonistas são crianças, tidas como aquelas nascidas sob “a sociedade do amanhã”, da “informação”, as representantes do futuro do mundo. Indiretamente, os adultos que não dominam as qualificações e competências dominadas por estas crianças estão eliminados desta sociedade. Para sermos mais precisos, não somente estes adultos, mas todos aqueles, jovens ou não, sem qualquer tipo de acesso às novas tecnologias.

Este exemplo demonstra o caráter exteriorizado apresentado por estas tecnologias e pelo dinheiro, uma vez que eles estabelecem objetivos humanos exteriorizados. O homem possuidor de dinheiro detém o meio de estar inserido na sociedade do conhecimento. Mesmo quem até então nunca tenha ouvido falar em computador, dispondo de dinheiro compra um para si, paga pela sua aprendizagem e passa a fazer parte do seletivo grupo de “membros” da chamada “sociedade da informação” (e outros termos parecidos). Para Marx (1985), a força do dinheiro é tão grande quanto a força do homem, pois com ele pode-se comprar a força de trabalho de outrem, no caso atual, com ele pode-se comprar, além disso, a inserção social em um mundo cada vez mais competitivo e individualizado. O dinheiro transforma todas as minhas incapacidades em capacidades.

O verdadeiro valor das novas tecnologias não é de forma alguma explorado. Estas tecnologias poderiam significar realmente uma transformação nas relações sociais entre os homens, bem como poderiam ser transformadas em objetos promovedores de uma verdadeira libertação do homem frente aos interesses do capital, na medida em que objetos como a internet representam uma perda de controle do capital frente ao seu produto. Sob este aspecto, a internet, por exemplo, poderia ser o meio de realização da “atividade vital consciente” do homem, tornando-se algo realmente interior e sensível ao homem e pertencente a si. Para Berino (1994), a atividade vital consciente permite aos homens tecerem para si objetos humanos:

Assim, enquanto, de um lado, para o homem em sociedade e efetividade objetiva se configura em geral como a efetividade das forças essenciais humanas, como efetividade humana e para isso, como efetividade de suas próprias forças essenciais, todos os *objetos* se lhe apresentarão como *objetivação* de si próprio, como objetos que confirmam e efetivam sua individualidade, como seus objetos, isto é, o objeto vem a ser ele mesmo (MARX, 1985, p. 12).

Na internet isso seria possível, mas o capitalismo conseguiu a proeza de também utilizar esse meio de emancipação do homem em benefício do próprio sistema. Obtém isso transformando as realizações humanas em formas de distinção e poder, premiando as realizações com dinheiro, tornando-as meros meios de se conquistar mais dinheiro. A beleza da produção humana no âmbito da internet é vista somente sob seu ângulo mercantil, de valor de troca. Em contraposição a esta visão mercantil, Marx defende que:

A superação positiva da propriedade privada, isto é, a apropriação sensível pelo homem e para o homem da essência da vida humana, do objetivo, das obras humanas, não deve ser concebida só no sentido do gozo imediato, exclusivo, no sentido da posse, do ter (1985, p. 10-11).

Sob este aspecto, a apreensão das tecnologias só representará realmente a emancipação do homem com o fim de seu caráter meramente imediatista.

TRABALHO E INTERNET – CRÍTICA AO DISCURSO DETERMINISTA

O trabalho docente, como qualquer outro trabalho, apresenta suas limitações quanto à realização humana de seu trabalho objetivado. Mesmo no contexto da escola pública, onde, em teoria, o professor possui maior autonomia na sala de aula, a própria organização burocrática estatal, baseada no sistema capitalista, torna o trabalho docente alienado, na medida em que o objetivo da própria escola muitas vezes é a reprodução do sistema capitalista. No contexto específico de que vou tratar – as novas tecnologias educacionais –, esta reprodução está mais acentuada, uma vez que estas tecnologias, no caso brasileiro, estão servindo de medida para inserção (ou não) no mercado de trabalho.

Por conferir ao indivíduo qualidades que, no mercado de trabalho, significam um dos requisitos de ingresso e de progressão no interior do trabalho coletivo ou de chances nos quadros da administração pública, o saber se mercadoriza e a escola é buscada por setores cada vez mais amplos da população (MACHADO, 1989, p. 40-41).

A citação acima enfatiza o caráter que a escola muitas vezes assume na sociedade capitalista. No contexto atual isso se acentua, visto que a radicalização do uso das tecnologias e o seu imediatismo estão provocando um reducionismo no verdadeiro papel da escola (que não é o objeto principal deste artigo), além de um esvaziamento do verdadeiro valor de uso destas novas tecnologias. O homem deveria apreender estas novas tecnologias de forma sensível e possibilitadora de um crescimento consciente de si, não como meio de se tornar “empregável” no mercado de trabalho. As inovações devem promover um enriquecimento da sensibilidade humana frente ao seu produto. Além disso, o que se tem propalado na nossa sociedade é o caráter “socializador” da internet, uma vez que na rede não existem diferenças sociais entre as pessoas. Ora, a realidade é diferente, pois a “igualdade” existe para aqueles que são “distintos” economicamente, ou seja, pode até haver este movimento na rede – é cedo para afirmarmos –, mas apenas uma minoria possui acesso. Isso significa que, sob este discurso, apenas estes “iluminados” possuem o direito à “igualdade” (claro que em um sentido burguês)? Machado ilustra bem este problema quando afirma:

As condições materiais da produção capitalista conferem inerentemente, condições diferentes aos indivíduos, conforme a sua forma de inserção social, habilitando-os a enfrentar desigualmente a concorrência (1989, p. 40).

Outro ponto interessante de discutirmos é o aparente discurso sobre as “facilidades” da vida moderna com o uso de novas tecnologias, sobretudo a informática e a internet. O que tem sido apresentado ao homem é um mundo maravilhoso onde o tempo disponível aumentaria com a utilização das novas tecnologias. Viveríamos em um mundo onde o homem trabalharia cada vez menos, possuindo, portanto, mais tempo livre e por conseguinte, poderia desenvolver melhor suas qualidades pessoais (um dos defensores deste ponto de vista é o sociólogo Domenico de Masi). Na realidade, o homem, desde a Revolução Industrial, tem cada vez mais trabalhado menos, mas este menor tempo no ambiente de trabalho não significa maior tempo livre para se dedicar a algum outro traba-

lho, visto como “atividade vital consciente”. Muito pelo contrário: seu tempo livre vem sendo cada vez mais utilizado em função do próprio sistema capitalista através do consumo em lazer e entretenimento. Sob este ângulo, o momento de lazer do homem significa consumo, apresentado ao homem como uma finalidade em si mesma, ou seja, o homem vive para consumir. O que visualizamos é um caráter totalizante do sistema capitalista sobre o homem, na medida em que ele visa dominar completamente a vida do ser humano.

Há, portanto, no plano da produção e reprodução material, uma dupla dimensão da luta contra o estranhamento sob o capitalismo: aquela que visa o questionamento do próprio modo de produção e extração na mais-valia e aquela que possibilita ao indivíduo que trabalha, utilizar seu horário de não-trabalho, seu tempo liberado, visando à concretização de uma experiência mais cheia de sentido, não coisificado pela manipulação do capital (ANTUNES, 1995, p. 130).

UM PONTO DE REFLEXÃO FUTURA – O PRODUTO TRABALHO NO MEIO VIRTUAL EMERGENTE

Sob um olhar marxiano, as novas tecnologias educacionais nos são apresentadas numa perspectiva interessante de definição do que representa o trabalho humano na sociedade atual. Sabemos que a análise marxiana demonstra o caráter indiferenciado do trabalho no sistema capitalista – denominado trabalho abstrato, mas em uma sociedade industrial, ou, pelo menos na sociedade contemporânea a Marx, este trabalho abstrato era melhor visualizado “concretamente” através da produção física da mercadoria. Uma questão que nos chama a atenção atualmente é: *onde se encontra o trabalho abstrato em mercadorias de alta tecnologia, apresentadas à sociedade de forma “virtual”?*

Procuraremos apresentar caminhos para esta questão, tendo em vista, inicialmente, o conceito de mercadoria e valor de uso e de troca. A mercadoria é fruto do trabalho e encerra em si um valor – este valor, por sua vez, pode ser de *uso* – segundo Berino (1994), neste valor a mercadoria deve ser compreendida pelo fato de satisfazer as necessidades humanas, ou valor de *troca* – capacidade de uma mercadoria ser trocada por outros bens ou dinheiro.

As novas tecnologias (nesse caso, especificamente os softwares de computador e a internet) encerram um valor em si e são trocadas por dinheiro – o que denota a sua configuração de mercadoria, mas é uma mercadoria “virtual”, uma vez que não está baseada na produção industrial que conhecemos. Outro problema acarretado pela definição de valores das novas tecnologias é o fato de seu valor de troca não significar apenas o valor contido no trabalho para produzir esta mercadoria – ou seja, o tempo despendido para a produção da mercadoria. Seu valor é dado também por outros fatores, tais como: distinção que a tecnologia representa, especulação etc. Claro que outros produtos também passam por estas variações de valor, mas as novas tecnologias radicalizam este processo na medida em que passam a não poder contar com a sua expressão relativa de valor (BERINO, 1994) devido ao rápido processo de desenvolvimento de novas tecnologias e obsolescência das tecnologias anteriores, ou seja, em um curto espaço de tempo, os produtos tecnológicos perdem seu valor de referência. Vivemos em uma sociedade de “tempo real”, onde o trabalho abstrato do trabalhador desvaloriza-se antes mesmo de ser concluído e, às vezes, antes de até mesmo ser iniciado.

Esta idéia, ainda em fase de maturação, foi-nos colocada a partir do contato com os escritos marxianos. Tendo em vista a centralidade do trabalho na sociedade, a explicitação deste trabalho em uma sociedade com alto desenvolvimento tecnológico torna-se necessária, já que tendências

sociológicas tendem a deixar de lado a centralidade do trabalho a partir do próprio papel das tecnologias na sociedade atual. É, pois, necessário compreender o trabalho contido nestas tecnologias para uma crítica mais elaborada a tais teses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não poderíamos deixar de dar nossa contribuição à questão das novas tecnologias, mesmo sabendo que seu rumo futuro ainda é incerto. Conforme afirmamos anteriormente, não podemos fechar os olhos para as novas tecnologias; é de fundamental importância que busquemos conhecer este fenômeno para podermos tomar alguma posição – de preferência sob um olhar crítico. O homem não deixa de ter importância no mundo devido a estas tecnologias, mas, ao contrário, pode passar a ser o elemento principal dessa sociedade que utiliza estas novas tecnologias. Para isso, é necessário que voltemos à valorização do ser humano e de seu produto trabalho como o resultado objetivado de seu ser, não como um produto exterior a ele próprio.

Dessa forma, as tecnologias podem representar para o homem a transcendência de seu ser – e não o seu contrário: uma radicalização do estranhamento do indivíduo frente ao seu trabalho e uma radicalização da atomização do homem devido ao caráter “impessoal” representado por tecnologias como computador e principalmente a internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995. p. 121-134.
- BERINO, Aristóteles de P. *Elementos para uma teoria da subjetividade em Marx*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1994. p. 117-157.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. *Politécnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. In: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 3-48. Coleção Os Pensadores.

ABSTRACT

The present article has as main objective to discuss the paper of the new technologies of the information theoretically (internet) in our current society and its relationships with the education and work. We used the theoretical reference that considers the work as the central axis of our society and we promoted a dialogue with the new technologies that are transforming the work in all the sections of the society. The posture that the dynamics of the capitalist society demands from the school discussed and as the new technologies promote a radical devaluation of the oldest people and the present "fetichização" in everything that means the "last generation". Last, we make a small analysis about the production of value in the virtual ways, through a Marx's reference.

Keywords: education, work, new technologies.

RESUMEN

El artículo presente tiene como objetivo principal discutir teóricamente el papel de las nuevas tecnologías de la información (internet) en nuestra sociedad actual y sus relaciones con la educación y trabajo. Nosotros usamos la referencia teórica que considera el trabajo como eje central en nuestra sociedad y nosotros promovimos un diálogo con las nuevas tecnologías que están transformando el trabajo en todas las secciones de la sociedad. La postura que la dinámica de la sociedad capitalista viene y exige de la escuela discutió y cuando las nuevas tecnologías promueven una desvalorización radical de las personas más viejas y el presente "fetichización" en todo que los medios de "última generación". Por último, nosotros hacemos una pequeña análise sobre la producción de valor de las maneras virtuales, a través de una referencia de Marx.

Palabras-clave: educación, trabajo, nuevas tecnologías.